

Engenharia do Caos

06 JUN 1998

JORNAL DO BRASIL

O presidente do Senado e o presidente do PDT trocaram, via fax, palavras e conceitos que dão a medida do que pretendem os tradicionais perturbadores da eleição presidencial e, do lado oposto, o esforço para deter essa gente que não aprende a se comportar na democracia.

O senador Antônio Carlos Magalhães manifestou a opinião de que, sem a reeleição do presidente Fernando Henrique, "será o caos". Foi direta a referência ao candidato do PT e, com a franqueza que o caracteriza, disse que Luiz Inácio Lula da Silva "não tem condições de governar o país".

A maioria dos brasileiros também sabe. Tanto que o candidato do PT foi preterido duas vezes nas urnas, por maioria absoluta de votos. E sabe mais que Leonel Brizola, seu parceiro de chapa, também não tem. Ficou em quinto lugar (depois de Enéas Carneiro), com 3,2% dos votos. Devia, portanto, manter o bico fechado. É preciso deixar claro que dois derrotados não fazem uma vitória. O eleitorado conhece muito bem os dois e sabe da desocupação a que se entregam entre as eleições.

A referência do presidente do Senado ao caos fez ressurgir do anonimato em que jaz, desde a última sucessão, a figura fora de moda de Leonel Brizola. Caos é com ele mesmo. Especializou-se desde o Rio Grande do Sul em desadministrar, e no governo do Rio repetiu a dose em escala cavalgar. Estão aí as favelas que ele multiplicou por dez para transformar o Rio num gueto em que os que pagam impostos seriam reféns do marginalismo.

Foi um golpe mortal a referência do senador Antônio Carlos à falta de "autoridade moral" daquele que, antes de fazer com Lula um dueto em voz de falsete nacionalista e estatizante, disse dele o que não se diz nem dos piores inimigos. A campanha contará com a senadora Benedita da Silva, a Callas do Chapéu Mangueira, como terceira voz do empreguismo, ao lado de Lula e Brizola, anunciados ao microfone pelo Garotinho que esqueceu o nome de adulto. Vão encher a paciência dos democratas, tropeçando em frases e esborrachando em erros de concordância. De vez em quando, uma feijoada na casa de morro, que os outros endereços a senadora reserva para usufruto e não para campanha eleitoral. Por isso que se diz que Brizola não gosta do Rio de Janeiro.

Não custa lembrar, para a melhor compreensão dos personagens, o tratamento que Brizola deu a Lula antes de ser companheiro de aventura: era "sapo barbudo" para fazer rir ou "udenista de macacão" para ofender pessoalmente. De olho gordo no PT, Brizola praticou o mais rasteiro dos conselhos atribuídos a Maquiavel: não

podendo evitar a candidatura de Lula, aderiu e se impôs como vice. Quer repetir com o Brasil o mal que fez ao Rio.

A candidatura de Luís Inácio já está nas mãos de Leonel Brizola, esse engenheiro especialista em gerar o caos desde 1961, quando passou da insensatez regional ao desatino em escala nacional. Depois de botar o pé no estribo, Leonel Brizola convenceu o candidato do PT a desdizer tudo que levou a vida pregando com veemência e atentados gramaticais. Será esse o papel de Lula. Ele, Brizola, se reserva o radicalismo como patrimônio de uso exclusivo. Que o PT ponha as barbas de molho. Os mais cautelosos sabem que ninguém, exceto por extrema necessidade, compraria de Brizola candidatura que o trouxesse embutido como vice.

Enquanto Lula diz o que seu vice manda, declarando-se com ar cândido favorável às privatizações, com a ressalva de auditorias para saber se o preço foi bom, o próprio Brizola vai falando com sotaque cubano e elaborando o programa do caos que Antônio Carlos denunciou. Luís Inácio faz nessa farsa o personagem convertido à economia de mercado (sem saber o que é isso), enquanto Brizola faz o barítono de anedota na campanha. Não foi pela referência de Antônio Carlos à candidatura da qual montou na garupa que Brizola bufou, mas por ter sido lembrado como especialista em botar bombas na engrenagem eleitoral e na Constituição.

Lula com perfil de direita e Brizola de tutor do candidato do PT, acendendo fogueiras, fazem uma dupla impagável. Quando ainda não tinha selado o pacto dos derrotados, o candidato a vice dizia que os petistas eram "movidos a cachaça", numa alusão pessoal respondida por Lula com a acusação de que Brizola era capaz de pisar no pescoço da própria mãe para conseguir o que queria. Atualmente se contenta em perturbar a normalidade – política e econômica – porque de nenhuma tirou qualquer benefício. Perdeu eleições, fez péssimas administrações, deixou um rastro de suspeitas no trato do dinheiro público, a bancada do seu partido murchou por toda parte.

Faltou o presidente do Senado dizer que o PT devia saber que Brizola não tem condições políticas nem morais de ser o vice de Luiz Inácio. Seria o tiro de misericórdia.

Assiste-se à montagem de uma pobre farsa na definição de Marx, que negava à História a possibilidade de repetir-se por outra forma que não fosse a paródia. Brizola fez a tragédia no passado. A repetição encaminha a farsa. A dupla Luiz Inácio-Brizola faz caricatura de Marx porque são dois derrotados que se juntam para desempenhar uma farsa com perigo para tudo que se reconstruiu com competência e legitimidade.